

Carlos Ruiz Zafón

**O Príncipe da Neblina**

Carlos Ruiz Zafón

**O Príncipe da Neblina**

Tradução  
Maria do Carmo Abreu

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 1993, Carlos Ruiz Zafón  
© 2010, Planeta Manuscrito

Título original: *El Príncipe de la Niebla*

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Lúcia Pinto

1.ª edição: Setembro de 2011

Depósito legal n.º 330 900/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-219-8

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

## Prólogo

Há uns anos comecei a escrever um conto sobre um romancista que um belo dia desaparecia da face do mundo sem deixar rasto. Na história, um jovem aprendiz de escritor que começara a trabalhar como seu ajudante procurava descobrir o que fora feito do seu mentor. Depois de várias peripécias, o que descobria era que o autor desaparecido sofrera uma estranha transformação e, com o tempo, começara a notar que, cada vez que escrevia uma cena ou criava uma nova personagem, uma parte dele ficava ali, presa nas páginas da ficção, como se tivesse arrancado um bocado de si mesmo para lhes dar vida.

À medida que o jovem aprendiz ia decifrando o enigma, descobria fragmentos do mentor nas suas diferentes obras até compreender que o seu ser acabara por diluir-se completamente na ficção, como se a tinta que utilizara para escrever fosse o seu próprio sangue, a sua própria vida. Na cena final da história, o aprendiz, à saída de um funeral celebrado como despedida do autor desaparecido, encontrava-o vivo e deslizando por entre as páginas

Carlos Ruiz Zafón

de um exemplar de um dos seus velhos romances, esquecido numa biblioteca de livros usados, rodeado para sempre das suas personagens.

Nunca acabei de polir e dar forma final ao conto, não porque não gostasse da ideia ou da sua execução, mas porque havia algo naquela história que me inquietava. Com o tempo, destruí aquelas páginas e esqueci-me delas. Até hoje.

Hoje sentei-me a olhar para trás e a recordar os primeiros livros que publiquei na década de 1990. Ao fazê-lo, senti-me um pouco como aquele romancista do meu conto e tive a estranha sensação de que boa parte da minha juventude ficara naquelas páginas.

Sempre pensei nas histórias desses livros como actos dispostos numa sequência circular. São romances de uma época em que escrevia principalmente para leitores jovens, quer fossem de nove ou de noventa anos. São narrativas que partilham temas, atmosfera e boa parte do arsenal de recursos que mais tarde desenvolveria em trabalhos posteriores. Embora tenham sido os primeiros livros que publiquei, não os considero obras de aprendizagem, nem exercícios práticos. Costumo acreditar que escrevi os meus contos de aprendizagem entre os onze e os vinte e cinco anos; centenas ou milhares de páginas que, felizmente, tive o bom senso de destruir, porque me parece uma falta de respeito pelo leitor, e sobretudo pelo ofício, praticar em público. Sou dos que acreditam que um escritor deve sair de casa limpo e com os deveres feitos.

Este romance concentra o fruto do meu trabalho, uma vez que deixei de escrever para mim mesmo e comecei a fazê-lo para os outros. É o que é e o que queria que fosse. Nem mais, nem

## O Príncipe da Neblina

menos. Se alguma virtude tem é que há mais de quinze anos vem incentivando mais de um jovem a perder o medo dos livros e a mergulhar no prazer da leitura.

Estes livros acompanharam-me em anos que, para o bem ou para o mal, acabaram por ser a chave na minha vida. Escrevi o primeiro em Barcelona durante as noites daquele Verão de 1992, o Verão das Olimpíadas, num apartamento que arrendava no bairro de Sarrià e no qual fazia tanto calor que tinha de trabalhar com o ar condicionado portátil apontado à cabeça. E escrevi o último a nove mil quilómetros dali, em Los Angeles, no mesmo escritório em que escreveria tempos depois a primeira metade de um romance chamado *Marina* e de onde se viam as letras de Hollywood nas colinas, brancas e reluzentes como as lápides funerárias.

Passaram uns anos desde então e por vezes sou eu que mal me reconheço e pergunto a mim mesmo onde terei desaparecido. Suponho que a si, amigo leitor, lhe acontece um pouco o mesmo e, se não, um dia acontecerá. Não há motivos para alarme. Faz parte do truque de despertar todos os dias. No outro dia vi uma menina que corria pela rua com um giz na mão deixando o rasto de uma linha na parede e tive a impressão de que, aos cinco anos, descobrira o sentido da vida.

Mas não veio a estas páginas para ouvir discursos, mas para que lhe façam cócegas no cérebro. Permita-me, então, que o convide a viver as aventuras destas personagens que ainda me são tão familiares como no dia em que as conheci. A entrada não tem limite de idade, nem lugar marcado. Será bem-vindo a estas páginas quer seja um leitor veterano como eu ou um leitor jovem que mergulha na maior das aventuras, a de ler.

Carlos Ruiz Zafón

Dentro de momentos apagar-se-ão as luzes, erguer-se-á a cortina da sua mente e o feixe do projector baterá na sua imaginação. A boa literatura, e até a má, deve ser como a electricidade.

Espero que saboreie a leitura, desta e de muitas outras que se sigam. E confio que um dia voltemos a ver-nos e a ler-nos mutuamente. Se nessa altura eu já tiver desaparecido por completo, encontrar-me-á aqui ou entre as páginas de outras histórias que tento contar-lhe da melhor maneira que sei e que vamos construindo, letra a letra, entre nós.

Até à vista, aventureiro.

*Los Angeles, Califórnia, 1 de Setembro de 2007.*

CARLOS RUIZ ZAFÓN

## Capítulo 1

Passariam muitos anos até que Max esquecesse o Verão em que descobriu, quase por acaso, a magia. Corria o ano de 1943 e os ventos da guerra arrastavam o mundo pela corrente abaixo, inevitavelmente. Em meados de Junho, no dia em que fez treze anos, o pai, relojoeiro e inventor de vez em quando, reuniu a família na sala e anunciou-lhes que aquele era o último dia que passariam na que fora a sua casa nos últimos dez anos. A família mudava-se para a costa, longe da cidade e da guerra, para uma casa junto à praia de uma pequena aldeiazita na orla do Atlântico.

A decisão era determinante: partiriam ao amanhecer do dia seguinte. Até essa altura, deveriam empacotar todos os seus pertences e preparar-se para a longa viagem até ao novo lar.

A família recebeu a notícia sem surpresa. Quase todos imaginavam já que a ideia de abandonar a cidade em busca de um lugar mais habitável rondava a cabeça do bom Maximilian Carver há já algum tempo; todos menos Max. Para ele, a notícia teve o mesmo efeito de uma locomotiva enlouquecida atravessando uma loja de

Carlos Ruiz Zafón

porcelanas chinesas. Ficou branco, com a boca aberta e o olhar ausente. Durante esse breve transe, passou-lhe pela cabeça a terrível certeza de que todo o seu mundo, incluindo os amigos da escola, o grupo e a loja de revistas de quadradinhos da esquina, estava prestes a desaparecer para sempre. Num abrir e fechar de olhos.

Enquanto os outros membros da família esqueciam a ideia para começarem a preparar a bagagem com ar resignado, Max permaneceu imóvel a olhar para o pai. O bom relojoeiro ajoelhou-se em frente do filho e colocou-lhe as mãos nos ombros. O olhar de Max era mais esclarecedor do que um livro.

– Agora parece-te o fim do mundo, Max. Mas prometo-te que vais gostar do lugar para onde vamos. Farás novos amigos, vais ver.

– É por causa da guerra? – perguntou Max. – É por isso que temos de ir embora?

Maximilian Carver abraçou o filho e depois, sem deixar de lhe sorrir, tirou da algibeira um objecto brilhante que pendia de uma corrente e colocou-o nas mãos de Max. Um relógio de bolso.

– Fi-lo para ti. Feliz aniversário, Max.

Max abriu o relógio, em prata lavrada. No interior do mostrador, cada hora estava marcada pelo desenho de uma lua que crescia e minguava ao compasso dos ponteiros, formados pelos raios de um Sol que sorria no coração do relógio. Na tampa, gravada em letra caligráfica, podia ler-se a frase: *A máquina do tempo de Max.*

Naquele dia, sem o saber, enquanto contemplava a família a andar para cima e para baixo com as malas e segurava na mão

## O Príncipe da Neblina

o relógio que o pai lhe oferecera, deixou para sempre de ser uma criança.



Na noite do seu aniversário, Max não pregou olho. Enquanto os outros dormiam, esperou pela fatal chegada daquele amanhecer que havia de marcar a despedida final do pequeno universo que forjara ao longo dos anos. Passou as horas em silêncio, estendido na cama, com o olhar perdido nas sombras azuis que dançavam no tecto do quarto, como se esperasse ver nelas um oráculo capaz de desenhar o seu destino a partir daquele dia. Segurava na mão o relógio que o pai lhe fizera. As luas sorridentes do mostrador brilhavam na penumbra nocturna. Talvez elas tivessem a resposta a todas as perguntas que começara a juntar desde aquela tarde.

Finalmente, as primeiras luzes da madrugada despontaram no horizonte azul. Max saltou da cama e dirigiu-se à sala. Maximilian Carver estava instalado num cadeirão, vestido e segurando um livro junto da luz de um candeeiro de petróleo. Max viu que não era o único que passara a noite acordado. O relojoeiro sorriu-lhe e fechou o livro.

– O que estás a ler? – perguntou Max, apontando o grosso volume.

– É um livro sobre Copérnico. Sabes quem é Copérnico? – perguntou o relojoeiro.

– Eu ando na escola – respondeu Max.

O pai tinha o hábito de lhe fazer perguntas como se ele tivesse surgido de repente do bico de uma cegonha.

Carlos Ruiz Zafón

- E o que sabes dele? – insistiu.
- Descobriu que a Terra gira à volta do Sol e não o contrário.
- Mais ou menos. E sabes o que isso significa?
- Problemas – retorquiu Max.

O relojoeiro sorriu abertamente e estendeu-lhe o grosso livro.

- Toma, é teu. Lê-o.

Max inspeccionou o misterioso volume encadernado em pele. Parecia ter mil anos e servir de morada ao espírito de um velho génio acorrentado às suas páginas por um sortilégio centenário.

- Bem – cortou o pai –, quem acorda as tuas irmãs?

Max, sem levantar os olhos do livro, fez sinal com a cabeça que lhe cedia a honra de arrancar Alicia e Irina, as duas irmãs de quinze e oito anos, do seu sono profundo.

Depois, enquanto o pai ia tocar a alvorada para toda a família, Max instalou-se no cadeirão, abriu o livro e começou a ler. Meia hora mais tarde, a família atravessava pela última vez o umbral da porta rumo a uma nova vida. Começara o Verão.



Max lera uma vez num dos livros do pai que certas imagens da infância ficam gravadas no álbum da mente como fotografias, como cenários aos quais, passe o tempo que passar, voltamos sempre e recordamos. Compreendeu o sentido daquelas palavras a primeira vez que viu o mar. Seguiam há mais de cinco horas no comboio quando, de repente, ao emergir de um escuro túnel,

## O Príncipe da Neblina

uma infinita lâmina de luz e claridade espectral se estendeu diante dos seus olhos. O azul-eléctrico do mar resplandecente sob o sol do meio-dia gravou-se na sua retina como uma aparição sobrenatural. Enquanto o comboio seguia o seu caminho a poucos metros do mar, Max pôs a cabeça fora da janela e sentiu pela primeira vez na pele o vento impregnado de cheiro a salitre. Voltou-se para olhar o pai, que o observava do extremo da carruagem do comboio com um sorriso misterioso, aquiescendo a uma pergunta que Max não chegara a formular. Soube então que não importava qual fosse o destino daquela viagem nem em que estação pararia o comboio; a partir daquele dia, nunca viveria num lugar de onde não pudesse ver todas as manhãs ao acordar aquela luz azul e deslumbrante que subia até ao céu como um vapor mágico e transparente. Era uma promessa que fizera a si mesmo.



Enquanto Max via o comboio afastar-se do cais da estação da aldeia, Maximilian Carver deixou uns minutos a família em frente do gabinete do chefe de estação para negociar com alguns dos transportadores locais um preço razoável por levar bagagem, pessoas e restante parafernália até ao ponto final de destino. A primeira impressão de Max sobre a aldeia e o aspecto oferecido pela estação e as primeiras casas, cujos telhados assomavam timidamente por sobre as árvores circundantes, foi de que aquele lugar parecia uma maquete, uma daquelas aldeias construídas em miniatura por colecionadores de comboios eléctricos, onde se alguém se aventurasse a andar mais do que devia podia acabar por

Carlos Ruiz Zafón

cair de uma mesa. Perante tal ideia, Max começava a considerar uma interessante variação da teoria de Copérnico em relação ao mundo quando a voz da mãe, junto dele, o arrancou às suas fantasias cósmicas.

– Então? Aprovado ou desaprovado?

– É cedo para saber – respondeu Max. – Parece uma maquete. Como essas das vitrinas das lojas de brinquedos.

– Se calhar é – sorriu a mãe. Quando o fazia, Max podia ver no seu rosto um pálido reflexo da irmã Irina.

– Mas não digas isso ao teu pai – continuou. – Aí vem ele.

Maximilian Carver chegou escoltado por dois musculosos carregadores com grossos fatos estampados de manchas de gordura, fuligem e qualquer outra substância impossível de identificar. Exibiam ambos farfalhudos bigodes e um gorro de marinho, como se fosse o uniforme da sua profissão.

– Estes são Robin e Philip – explicou o relojoeiro. – Robin levará as malas, e Philip a família. De acordo?

Sem esperar a aprovação familiar, os dois fortalhões dirigiram-se à montanha de malas e carregaram metodicamente mesmo as mais volumosas sem o menor sinal de esforço. Max sacou do relógio e contemplou o mostrador de luas sorridentes. Os ponteiros marcavam as duas da tarde. O velho relógio da estação marcava meio-dia e meia.

– O relógio da estação não está certo – murmurou Max.

– Estás a ver? – respondeu o pai, eufórico. – Acabamos de chegar e já temos trabalho.

A mãe sorriu com timidez, como sempre fazia perante as demonstrações de optimismo radiante de Maximilian Carver,

## O Príncipe da Neblina

mas Max pôde ler nos seus olhos uma sombra de tristeza e aquela estranha luminosidade que, desde criança, o fizera acreditar que a mãe intuía no futuro o que os outros não podiam adivinhar.

– Tudo vai correr bem, mamã – disse Max, sentindo-se um tonto um segundo depois de pronunciar aquelas palavras.

A mãe acariciou-lhe a bochecha e sorriu.

– Claro, Max. Tudo vai correr bem.

Naquele momento, Max teve a certeza de que alguém o observava. Rolou rapidamente os olhos e pôde ver como, por entre as barras de uma das janelas da estação, um grande gato tigrado o olhava, como se pudesse ler os seus pensamentos. O felino pestanejou e, com um salto que evidenciava uma agilidade inconcebível num animal daquele tamanho, gato ou não gato, aproximou-se da pequena Irina e esfregou o lombo nos tornozelos brancos da irmã de Max. A pequena ajoelhou-se para acariciar o animal, que miava suavemente. Irina pegou-lhe ao colo e o gato deixou-se aninhar sereno, lambendo com meiguice os dedos dela, que sorria enfeitiçada diante do encanto do felino. Irina, com o gato ao colo, aproximou-se do sítio onde a família esperava.

– Acabamos de chegar e já pegaste num bicho. Sabe-se lá o que terá no pêlo – sentenciou Alicia com evidente aborrecimento.

– Não é um bicho. É um gato e está abandonado – replicou Irina. – Mamã?

– Irina, ainda nem sequer chegámos a casa – começou a mãe.

A miúda fez uma expressão de tristeza, para a qual o felino contribuiu com um miado doce e sedutor.

– Pode ficar no jardim. Por favor ...

Carlos Ruiz Zafón

– É um gato gordo e sujo – acrescentou Alicia. – Vais deixar que ela faça de novo a sua vontade?

Irina dirigiu à irmã mais velha um olhar penetrante e acerado que prometia uma declaração de guerra a menos que ela fechasse a boca. Alicia sustentou-lhe o olhar durante uns instantes e depois voltou-se, com um suspiro de raiva, afastando-se para onde os carregadores estavam a transportar a bagagem. Pelo caminho cruzou-se com o pai, a quem não escapou o semblante afogueado de Alicia.

– Já estamos a brigar? – perguntou Maximilian Carver. – O que se passa?

– Está só e abandonado. Não o podemos levar? Ficaré no jardim e eu tratarei dele. Prometo – apressou-se a explicar Irina.

O relojoeiro, atónito, olhou para o gato e depois para a mulher.

– Não sei o que dirá a tua mãe ...

– E tu o que dizes, Maximilian Carver? – replicou ela, com um sorriso que evidenciava estar divertida com o dilema que passara para o marido.

– Está bem. Era preciso levá-lo ao veterinário e além disso ...

– Por favor ... – gemeu Irina.

O relojoeiro e a mulher trocaram um olhar de cumplicidade.

– Por que não? – concluiu Maximilian Carver, incapaz de começar o Verão com um conflito familiar. – Mas tu encarregas-te dele. Prometes?

O rosto de Irina iluminou-se e as pupilas do felino estreitaram-se até se perfilarem como ponteiros negros sobre o mostrador dourado e luminoso dos seus olhos.

## O Príncipe da Neblina

– Vamos! A andar! A bagagem já está carregada – disse o relojoeiro.

Irina levou o gato nos braços, correndo para as furgonetas. O felino, com a cabeça apoiada no ombro da pequena, manteve os olhos cravados em Max. *Estava à nossa espera*, pensou.

– Não fiques aí pasmado, Max. Vamos – insistiu o pai, a caminho das furgonetas, de mão dada com a mãe.

Max seguiu-os.

Foi então que algo o fez voltar-se e olhar de novo o mostrador enegrecido do relógio da estação. Examinou-o com cuidado e percebeu que havia qualquer coisa que não estava bem. Lembra-se muito bem que ao chegar à estação o relógio indicava meia hora depois do meio-dia. Agora, os ponteiros marcavam meio-dia menos dez.

– Max! – soou a voz do pai, chamando-o da furgoneta. – Vamos embora!

– Já vou – murmurou Max para si mesmo, sem deixar de olhar para o mostrador.

O relógio não estava estragado; funcionava bem, com uma única particularidade: andava ao contrário.